

# **OS SABERES E FAZERES DA PRODUÇÃO ARTESANAL DE CACHAÇA NAS TERRITORIALIDADES DOS PEQUENOS PRODUTORES DOS MUNICÍPIOS DE GURINHATÃ, CANÁPOLIS E CAMPO FLORIDO-MG**

POBLACIÓN, GÉNERO E IDENTIDAD

**MS. RICARDO DA SILVA COSTA**

Aluno do programa de pós-graduação do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia nível mestrado. E-mail: ricar\_dim@yahoo.com.br

**DR. ROSSELVELT JOSÉ SANTOS**

Professor Coordenador do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Geografia, nível Mestrado e Doutorado. Pesquisador do CNPq, FAPEMIG e UFU. E-mail: rosselvelt@ufu.br

## **RESUMO**

A pesquisa foi desenvolvida nos municípios de Gurinhatã, Canápolis e Campo Florido, todos localizados na região do Triângulo Mineiro no estado de Minas Gerais, Brasil. Estes municípios têm sua economia pautada principalmente na agropecuária, destacando as lavouras de soja e milho e pecuária de leite e de corte. No início da década de 2000, “instalam-se” nesses municípios empresas ligadas ao setor sucroalcooleiro, ocorrendo um processo inflacionário no preço do arrendamento de terras. A cana-de-açúcar tornou-se predominante na paisagem de diversos lugares, ocasionando profundas alterações tanto nas suas paisagens quanto nos cotidianos de seus moradores. A pesquisa em um primeiro momento caracterizou a área de estudo e identificou a existência de produtos e práticas sociais ligadas as tradições camponesas desta parte do Cerrado mineiro. Como a cana-de-açúcar produzida pelos camponeses, nutre como matéria-prima, várias atividades, consideramos maior atenção à cachaça. Concebida artesanalmente, em algumas propriedades, ela passa a ser um produto estratégico para a manutenção dos pequenos produtores dos três municípios. Em um segundo momento, discutimos a presença e o fabrico da cachaça a partir dos lugares onde vivem os camponeses. Em sua maioria são lugares cercados pelas paisagens da cana, mas que revelam em seus interiores saberes, fazeres, territórios e territorialidades constituídos historicamente. Os produtores de cachaça possuem pequenas propriedades e passaram em menos de uma década a conviverem com a monocultura da cana-de-açúcar. As grandes lavouras e a linearização do tempo como lógica do agronegócio afetou e afeta frontalmente o cotidiano daqueles produtores, impondo a eles redefinição de seus comportamentos. A análise dos dados quantitativos e qualitativos considerou as possibilidades das pessoas continuarem vivendo nos lugares; dos produtores de cachaça tornarem seus saberes e fazeres estratégias de existência; das práticas sociais prosseguirem nutrindo os vínculos com o território e fortalecendo territorialidades. Procuramos compreender os modos de vida e como os processos de reprodução ampliada do capital ligado ao setor sucroalcooleiro afetam os pequenos produtores tradicionais do Cerrado. Buscamos nos instruir sobre o marco temporal, sujeitos sociais envolvidos, relações sociais estabelecidas, estratégias de existência territorial, costumes, hábitos e saberes. Observamos os projetos de vida dos produtores e como agem em relação a presença das lavouras de cana, que os rodeiam. A partir desta abordagem realizamos trabalhos de campo para dissecar as paisagens da cana, expondo o contraditório e desvendando a dinamicidade dos usos do espaço que os pequenos produtores rurais tradicionais são capazes de estabelecer. As referências empíricas emanam de diversos trabalhos de campo realizados nos municípios. A pesquisa contou com financiamento do CNPq.

**Palavras-chave:** Cachaça. Territorialidade. Território. Saberes/fazeres. Pequenos Produtores.

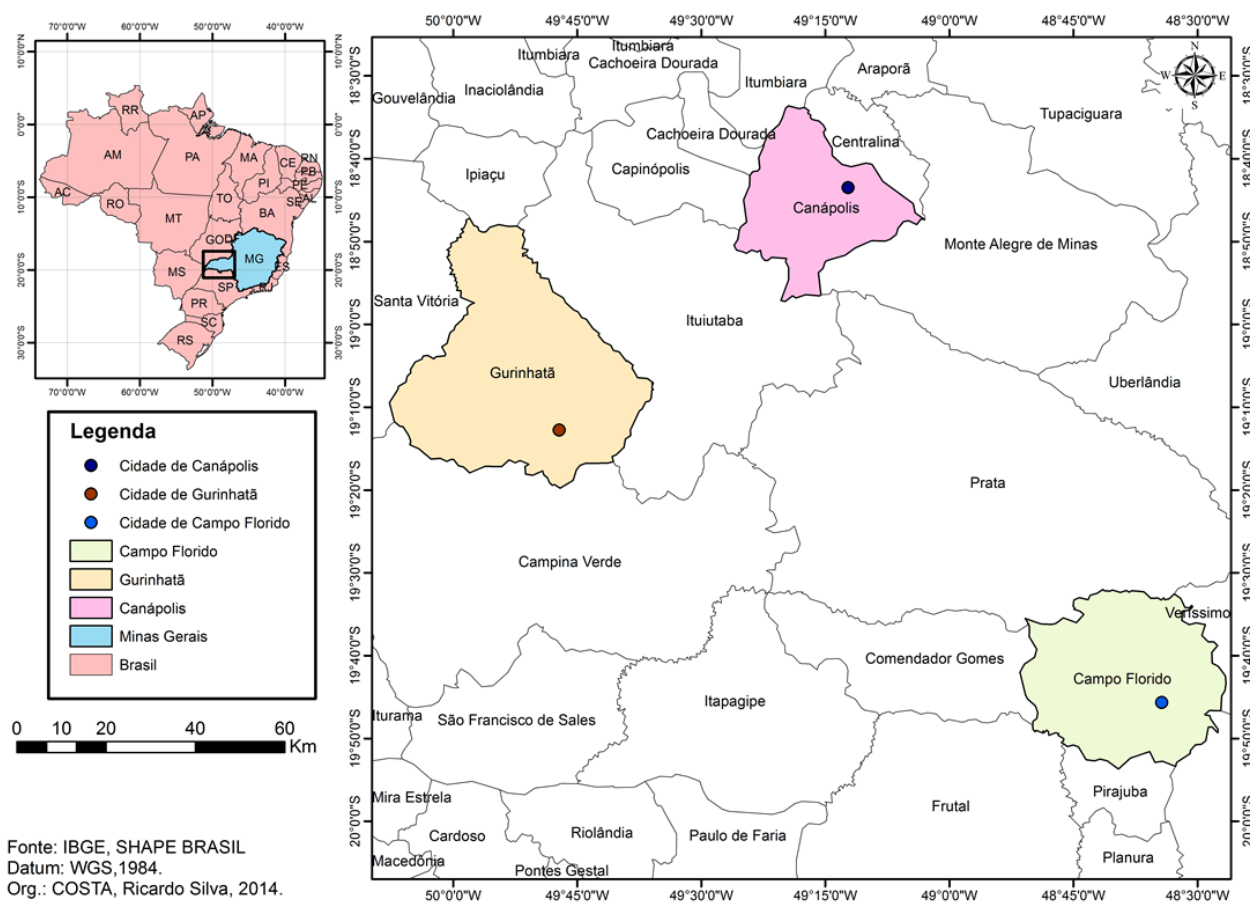
## Introdução

A pesquisa foi desenvolvida nos municípios de Gurinhatã, Canápolis e Campo Florido (mapa 01), todos os municípios estão localizados na região do Triângulo Mineiro no estado de Minas Gerais, Brasil. Estes municípios (Gurinhatã, Canápolis e Campo Florido) têm sua economia pautada principalmente na agropecuária, destacando as lavouras de soja e milho e pecuária de leite e de corte.

Canápolis, segundo estimativas do IBGE 2010, apresenta uma população de 11.365 habitantes. Sua economia é baseada na agropecuária, onde se destacam os plantios de abacaxi, e grãos, como milho e soja. O município de Canápolis abriga duas usinas sucroalcooleiras, as quais se encontram em pleno funcionamento. Os dois empreendimentos, juntos ocupam, no mesmo município uma área de cultivo de cana-de-açúcar de aproximadamente 23.200 mil hectares<sup>1</sup>. O curioso nesse processo de reocupação é que apenas as lavouras de cana-de-açúcar ocupam 28% da área total de Canápolis.

A presença e ação reprodutiva das duas usinas sucroalcooleiras redefiniram profundamente as paisagens do município. A Usina DAMFI - Destilaria Antônio Monti Filho produz etanol, e a Usina Laginha Agro Industrial S/A., mas conhecida como TRIÁLCOOL produz etanol e açúcar. Com a expansão das lavouras de cana-de-açúcar no município houve redução de áreas cultivadas por outros produtos, por exemplo, às áreas ocupadas com pastagens, assim como aquelas destinadas à produção do abacaxi. Em menor escala estão os gêneros alimentícios, já que estes ocupavam menores áreas. Como a materialização da produção de etanol e açúcar é percebida mais facilmente na paisagem alterada.

Mapa 01 – Localização da área de estudo.



<sup>1</sup> Fonte IBGE/Sidra safra 2013.

O município de Gurinhatã segundo IBGE 2010, apresenta uma população de 6.137 habitantes. Sua economia é baseada na agropecuária, onde se destacam de grãos, como milho e sorgo. Apesar do município não abrigar a planta industrial de usina sucroalcooleira, ele abriga lavouras da usina situada no município limítrofe, sendo a Usina Ituiutaba Bioenergia. O empreendimento ocupa uma área de cultivo de cana-de-açúcar de aproximadamente 3.640 mil hectares<sup>2</sup>.

Já o município de Campo Florido segundo estimativas do IBGE 2010, apresenta uma população de 6.870 habitantes. Sua economia é baseada na agropecuária, onde se destacam a criação de gado de corte e grãos, como milho e soja. O município de Campo Florido abriga uma usina sucroalcooleira, a Usina Coruripe - filial Campo Florido a qual se encontra em pleno funcionamento, apesar de ter uma usina instalada o município abriga lavoura da Usina Vale do Tijuco, a qual se localiza no município de Uberaba. Assim as duas usinas, juntas ocupam, 20.000 hectares<sup>3</sup> de cana-de-açúcar.

Diante dessa situação de transição e de territórios em disputas essa pesquisa se justifica como um estudo voltado para as questões relacionadas à condição de existência dos pequenos produtores artesanais de cachaça. Preocupamos em compreender sua capacidade de produção, principalmente tecnológica, seus saberes e fazeres; estratégias de convivência com o setor sucroalcooleiro, tornando-se necessário analisar a forma com que este produtor estabelece as suas territorialidades em um espaço reocupado pelo grande capital monopolista.

Ambos os municípios possuem terras propícias<sup>4</sup> para o cultivo de cana-de-açúcar proporcionando um bom rendimento. A cana rende em média nos municípios 70 toneladas por hectare, um dos rendimentos mais altos da região. Com a vantagem produtiva propiciada pelos municípios para o cultivo da cana-de-açúcar os pequenos produtores (re)adequaram sua produção, buscando formas de se produzir mais em uma menor área. Os produtores passaram a utilizar a mesma cana-de-açúcar utilizada na usina para fazer a cachaça artesanal.

Entendemos também, que é importante e necessário incluir nos estudos sobre a expansão do setor sucroalcooleiro os impactos socioespaciais da cana-de-açúcar na “nova” articulação da produção artesanal de cachaça. Nossa pesquisa decorre da preocupação da continuidade dos pequenos produtores em continuarem produzindo.

## **A produção artesanal de cachaça: As territorialidades dos pequenos produtores**

Para compreendermos esses processos de sociabilidade dos pequenos produtores de cachaça, partimos do lugar e territorialidade como elementos importantes. Pois, é no lugar que podemos observar a grande diversidade de expressões e formulas da cachaça. Já que os solos são diferentes, apesar da pouca distância entre os municípios. Segundo Santos (1988):

O lugar é um conjunto de objetos que têm autonomia de existência pelas coisas que o formam - ruas, edifícios, canalizações, indústrias, empresas, restaurantes, eletrificação, calçamentos, mas que não têm autonomia de significação, pois todos os dias novas funções substituem as antigas, novas funções se impõem e se exercem. (SANTOS, 1988, p.19).

A partir da compreensão do lugar, percebemos como e constituído os modos de vida os vínculos territoriais e a territorialidade. Nesse momento elencamos a territorialidade como norte teórico do trabalho, pois, para Saquet (2009) a territorialidade:

---

<sup>2</sup> Fonte IBGE/Sidra safra 2013.

<sup>3</sup> Fonte IBGE/Sidra safra 2013.

<sup>4</sup> Relevo, disponibilidade hídrica e disponibilidade de terras.

[...] é entendida como valorização das condições e recursos potenciais de contexto territoriais em processos de desenvolvimento, o que pode ser traduzido numa territorialidade ativa, que pode ser concretizada através da organização política e do planejamento participativo. A territorialidade é um fenômeno social que envolve indivíduos que fazem parte do mesmo grupo social e de grupos distintos. Nas territorialidades, há continuidades e descontinuidades no tempo e no espaço; as territorialidades estão intimamente ligadas a cada lugar: elas dão-lhe identidade e são influenciadas pelas condições históricas e geográficas de cada lugar. (SAQUET, 2009, p.87-88).

No lugar, a permanência da produção da cachaça artesanal indica que as territorialidades decorrem da tradição passada de pai para filho. Nessa condição também foi possível analisar as possibilidades dos pequenos produtores manterem-se ativos mesmo perante as ações das grandes corporações, no caso as usinas sucroalcooleiras. Rosendahl (2005) afirma que:

A territorialidade deve ser reconhecida, portanto, como uma ação, uma estratégia de controle [...] A territorialidade é fortalecida pelas experiências religiosas coletivas ou individuais que o grupo mantém no lugar. (ROSENDAHL, 2005, p. 12934)

Essa presença também contribui para relacionar a territorialidade com uma relação de poder. Segundo Sack (1989) *apud* HAESBAERT ,

A territorialidade, como um componente do poder, não é apenas um meio para criar e manter a ordem, mas é uma estratégia para criar e manter grande parte do contexto geográfico através do qual nós experimentamos o mundo e dotamos de significados. (SACK *apud* HAESBAERT, 2005, p. 3).

Os pequenos produtores de cachaça dos municípios seguem a lógica, relacionada ao contexto geográfico, observam o relevo para ver onde e melhor o cultivo, o comércio e realizado entre a população local, segundo Rosendahl (2005)

Nos tempos atuais o território, impregnado de significados, símbolos e imagens, constitui-se em um dado segmento do espaço, via de regra delimitado, que resulta da apropriação e controle por parte de um determinado agente social, um grupo humano, uma empresa ou uma instituição. O território é, em realidade, um importante instrumento da existência e reprodução do agente social que o criou e o controla. O território apresenta, além do caráter político, um nítido caráter cultural, especialmente quando os agentes sociais são grupos étnicos, religiosos ou de outras identidades. (ROSENDAHL, 2005, p. 12933)

O cultivo das lavouras de cana-de-açúcar das usinas e dos pequenos produtores de cachaça da área de estudo, também revela territórios e territorialidades em transição, pois segundo SAQUET

O território e a territorialidade são produtos do entrelaçamento entre os sujeitos de cada lugar, destes com o ambiente e destes com indivíduos de outros lugares, efetivando tramas transescalares entre diferentes níveis territoriais. O território é uma construção coletiva e é multidimensional, com múltiplas territorialidades interagidas (poderes, comportamentos, ações). (SAQUET, 2006b, p 78)

Compreendemos que a territorialidade é reconhecida na área de estudo, principalmente a partir das propriedades que se estabelecem na incorporação das relações econômicas e culturais que mantém o sujeito no lugar. O que faz com que ele continue produzindo, lançando mão dos seus conhecimentos.

As cachaças produzidas nos municípios seguem o modelo tradicional de produção, modelo o qual não se utiliza de produtos industrializados ou artificiais. Desde a lavoura até o produto final a forma/técnica de produção é dominada pelo produtor. Apesar de a cana-de-açúcar ser a mesma espécie cultivada pelas usinas os produtores dão outro trato cultural, durante a plantação e colheita. Segundo o entrevistado:

Primeiro planta a cana não pode joga adubo não, si não a cachaça não presta, depois deixa ela crescer e corta, não pode por fogo tem que cortar a cana com a paiaá, depois tem que leva o mais rápido possível pro engenho para espremer e tirar a garapa. Ai a garapa em queda natural e vai pro tanque onde esta o fermento, ai dexa a garapa até a taxa de Brix<sup>5</sup> zera, quando zera a calda vai para o alambique lá ela ferve e o vapor vai passa pelo cano e resfria ai sai a cachaça<sup>6</sup>.

Pensado na fala do entrevistado, montamos dois conjuntos de mosaico para facilitar a visualização do processo de produção da cachaça.

Mosaico 01 – Etapas da produção da cachaça – primeira fotografia do lado esquerdo: engenho, onde moi a cana – segunda fotografia: Tanque de fermentação. Fazenda localizada no município de Canápolis.



Fonte: COSTA, Ricardo Silva. 2013.

Na segunda fotografia podemos observar a chegada da garapa no tanque de fermentação. Uma das características que diferencia a cachaça artesanal das demais está no tanque, é o fermento, segundo o entrevistado:

O fermento e feito com milho, mas não pode se milho de armazém não se não ele não vira fermento tem muito veneno neles, ai ce pega uns 60 kg de milho e coloca no tanque, depois cê põe um poco de garapa para fermenta o milho, ai todo os dia cê vai alimentando com garapa o fermento, ate que depois de quinze dias pode faze a cachaça ai cê tem a verdadeira cachaça<sup>7</sup>.

Mosaico 02 – Etapas da produção da cachaça – primeira fotografia do lado esquerdo: Alambique - segunda fotografia: resfriador – terceira fotografia: a cachaça. Fazenda localizada no município de Canápolis.



Fonte: COSTA, Ricardo Silva. 2013.

<sup>5</sup> Taxa de concentração de açúcar.

<sup>6</sup> Entrevista realizada em 2013 no município de Canápolis

<sup>7</sup> Entrevista realizada em 2013 no município de Canápolis



Os produtores encontrados nos municípios correspondem à produção “caseira” não têm escala industrial, visto tratar-se de produção em pequena escala baseada na mão de obra familiar. À cachaça produzida, na propriedade, não possui nenhum tipo de certificação, uma vez que oneroso, obtê-la. Esta certificação depende de investimentos na qualificação gerencial, de procedimentos laboratoriais e de participar do aparato organizacional do setor (cachaça de alambique).

Visitamos três propriedades, sendo uma em cada município e identificamos que ambas as propriedades possuem apenas um alambique<sup>8</sup>. No alambique, cada tonelada de cana rende 100 litros de cachaça. É envasada pelo próprio produtor de maneira totalmente artesanal, aproveitando embalagens do tipo pet ou de vidro de outras bebidas.

A cachaça é um produto que traz um bom retorno para o produtor. Ela serve como poupança, cada vez que passa o tempo (a cachaça fica mais velha), mais rendimento ela irá propiciar para os pequenos produtores. Outra ferramenta/item indispensável para a produção artesanal de cachaça é o alambique. Como podemos observar na fotografia 01.

Fotografia 01 – Alambique de cobre. Município de Gurinhatã.



Fonte: COSTA, Ricardo Silva. 2013.

O alambique é na verdade, a estrutura de cobre onde é feita a destilação. Para os pequenos produtores o cobre favorece a qualidade da bebida *“se não for no cobre não é cachaça e outra coisa, si ocê quizé faze uma cachaça di verdade tem que usa um alambique de cobre o gosto e outro, mais hoje e difícil acha alambique de cobre já que o povo fala que cobre não e bom”*<sup>9</sup>. O cobre é essencial para a cachaça artesanal, pois sem ele o gosto à aparência não é a mesma.

Apesar de alguns equipamentos serem diferentes os produtores seguem um mesmo modelo/ordem na produção de cachaça. Como se pode observar nos mosaicos 01, 02, 03e 04. Ambos fermentam a garapa usando o fermento de milho, depois utilizam o alambique de cobre, a cachaça é armazenada em toneis.

---

<sup>8</sup> Destilador.

<sup>9</sup> Entrevista realizada em 2013 no município de Canápolis.

Mosaico 03 – Foto a esquerda – Produtor conferindo a taxa de açúcar na fermentação – foto a esquerda: alambique - ao atingir o ponto exato a garapa vai para o alambique. Alambique localizado no município de Campo Florido.



Fonte: COSTA, Ricardo Silva. 2013.

Mosaico 04 – Fotografia a esquerda: tanque de resfriamento. Fotografia a direita: toneis . Alambique localizado no município de Campo Florido.



Após a garapa ser aquecida no alambique ela gera um vapor (cachaça), o vapor passa pelo tanque de resfriamento e se transforma em líquido (cachaça) depois a cachaça é armazenada em toneis os quais passam aroma e sabor.

Depois de pronta a cachaça “descansa” para depois ser comercializada. O produtor deixa sempre um lote para envelhecer (essa vale mais) e vender depois. A cachaça é toda comercializada nos municípios limítrofes em bares ou por particulares que buscam o produto na fazenda.

## Conclusão

Compreendemos que a cachaça é um importante produto, pois, através dele os produtores conseguem uma fonte de renda extra. Já que para o cultivo de cana-de-açúcar para a fabricação de cachaça demanda uma pequena área. Apesar de pequena ela propicia um bom rendimento para o pequeno produtor, enquanto outros cultivos são necessárias áreas maiores como o caso da soja, milho, do abacate e de outras atividades.

Compreende-se que a cachaça, torna-se um produto de “poupança” para o pequeno produtor, já que ela propicia o dinheiro necessário para o produtor manter suas necessidades básicas. A cachaça pode ficar guardada por longos períodos, detalhe quanto mais tempo passa mais o produto fica com gosto e aroma melhor, e assim consegue uma melhor remuneração pela cachaça. Durante o ano o produtor pode vender a cachaça e empregar o dinheiro na propriedade, servindo de complemento de renda, pois, os pequenos produtores não exercem apenas uma atividade.

Identificou-se também, que as lavouras de cana-de-açúcar, dos pequenos produtores passaram a ter menos área disponível para o seu cultivo, já que muitas das terras onde antes eram cultivados foram arrendadas ou vendidas. No entanto os pequenos produtores conseguiram continuar produzindo, como a cana-de-açúcar utilizada na fabricação de cachaça e da mesma qualidade da utilizada nas usinas sucroalcooleiras, quando falta matéria prima os pequenos produtores consegue cana-de-açúcar com os fornecedores de cana da usina.

Esse é o último recurso, já que para ambos os produtores a cachaça produzida com a cana que seria fornecida para a usina não propicia uma cachaça tão boa quando a que é feita com a cana cultivada por eles. As transformações propiciadas pelo aumento das lavouras das usinas, influenciaram o preço da terra, fazendo-o se elevar criando nos produtores reações e práticas diferentes do seu modo de vida. No conjunto eles vão se tornar sujeitos que vão privilegiar a técnica e o conhecimento pretérito, mas dificilmente vão continuar reconhecendo-se nos seus lugares e entorno, pois fundamentalmente ocorre certo estranhamento. A paisagem alterada reúne formas e estruturas diferentes daquelas oriundas da pecuária. No conjunto, a cana-de-açúcar modificam-se seus conteúdos, suas cores, seus cheiros, símbolos e significados.

## REFERÊNCIA

ALMEIDA, Maria Geralda. Fronteiras, Territórios e Territorialidades. **Revista da ANPEGE**, ano 2, n.2, Fortaleza - CE, 2005.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. **Paisagem cultural e sustentabilidade** / organização de Leonardo Barci Castriota – Belo Horizonte: IEDS; UFMG, 2009. 233 p.; il.

CHALITA, Marie Anne Najm. SILVA, César Roberto Leite da. **Cachaça: desempenho comercial e qualidade de uma bebida genuinamente brasileira**. Textos para Discussão TD-IEA nº 21/2010. Disponível em: <ftp://ftp.sp.gov.br/ftpiea/td/td-21-2010.pdf> acessado em: 14/11/2013

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta; Margareth de Castro Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

CLAVAL, Paul. “A volta do cultural” na Geografia. **Mercator** - Revista de Geografia da UFC, ano 01, número 01, 2002.

HAESBAERT, R. Da Desterritorialização à Multiterritorialidade. **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina** – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo.

HAESBAERT, R. **Territórios alternativos**. 2º Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Bertrand Brasil, 2ª edição, Rio de Janeiro, 2006.

HARVEY, D. **Espaços de Esperança**. Trad. de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HOBSBAWM, E. J. **A era das revoluções 1789-1848**. Trad. Maria Tereza Lopes Peixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro, Paz e Temi, 1977.



- KINN, Marli Graniel. Lugares e Territórios camponeses em iniciativas turísticas: os usos dos espaços no entorno dos lagos das hidrelétricas Amador Aguiar I e II – Triângulo Mineiro -MG. **Tese de Doutorado.** – São Paulo: USP, 2010. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-06062011-172324/pt-br.php>. Acessado em: 11/01/2015.
- LAKATOS, Eva M. e MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica.** São Paulo: Atlas, 1985.
- LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno.** Tradução Alcides João de Barros. Editora Ártica, São Paulo, 1991.
- MACHADO, Fulvio de Barros Pinheiro. Brasil, a doce terra – História do Setor. **EMBRAPA.** Disponível em: [http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/Repositorio/historia\\_da\\_cana\\_000fhc62u4b02wyiv80efhb2attuk4ec.pdf](http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/Repositorio/historia_da_cana_000fhc62u4b02wyiv80efhb2attuk4ec.pdf). Acesso em 02/02/2014.
- MARTINS, José de Souza. A caminhada no chão da noite. Emancipação política e libertação nos movimentos sociais no campo. São Paulo: Hucitec, 1989.
- MARTINS, José de Souza. Reforma agrária o impossível diálogo sobre a História possível. Revista de Sociologia **Tempo Social**; USP. São Paulo, 11(2): 97-128, out. 1999 (editado em fev. 2000).
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Ática, 1993.
- ROSENDAHL, Zeny. Território e territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina** – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.Observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Geografiasocioeconomica/Geografiacultural/38.pdf>. Acessado em: 15/01/2015.
- SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções de território.** Expressão popular, São Paulo, 2007.
- SAQUET, M. A. **Por uma abordagem territorial.** IN: SAQUET, M. A. SPOSITO, E. S. (Orgs). Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos. Expressão Popular: UNESP Programa de pós- graduação. São Paulo, 2009.
- SAQUET, M. A. CAMPO-TERRITÓRIO: considerações teórico-metodológicas. **Revista Campo-Território Geografia Agrária**, Uberlândia, v. 1, n. 1, p. 60-81, fev. 2006.
- SAQUET, M. A. **Proposições para estudos territoriais.** Revista *GEOgrafia*– Ano VIII -N.15 - 2006b p 71-85.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço.** Técnica e tempo. Razão e emoção. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado.** São Paulo: Hucitec,1988.
- SANTOS, R. J. **Gaúchos e Mineiros do Cerrado:** metamorfoses das diferentes temporalidades e lógicas sociais. EDUFU, Uberlândia, 2008.
- SANTOS, R. J. Pesquisa empírica e trabalho de campo: Algumas questões acerca do conhecimento geográfico. **Revista Sociedade & Natureza**, Uberlândia, jan/dez 1999, pag. 111-125.
- SANTOS, R. J. (Re) Ocupação do cerrado: Novas gentes, outras identidades. IN: ALMEIDA, Maria Geralda, CHAVEIRO, E. F. BRAGA, H. C. (orgs). **Geografia e Cultura os lugares da vida e a vida dos lugares.** Impresso no Brasil, Goiânia, 2008b .
- SANTOS, R. J.; KINN, M. G. Festas: Tradições Reinventadas nos Espaços Rurais dos Cerrados de Minas Gerais. **ESPAÇO E CULTURA**, UERJ, RJ, N. 26, P. 58-71, JUL./DEZ. DE 2009. Disponível: [http://www.nepec.com.br/Rosselveit%20Kinn%20\\_espa%C3%A7o\\_e\\_cultura26.pdf](http://www.nepec.com.br/Rosselveit%20Kinn%20_espa%C3%A7o_e_cultura26.pdf) Acessado em: 14/12/2014.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.